

Seminário “A Criança na Escola”

25 de Outubro, Universidade Moderna

*Projecto SER Família*

## **INSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

*Brissos Lino*

*“O objectivo da educação é a virtude e o desejo de converter-se num bom cidadão.”  
(Platão)*

### **Introdução**

O tema que escolhemos para congregar as intervenções deste Seminário, “A Criança na Escola”, além de manifestar as nossas preocupações com as problemáticas específicas abordadas ao longo desta tarde, conduzem-nos, igualmente, para o tema do *sentido da escola*. Para que serve a escola? O que se pretende com a instituição *escola*? O que esperam dela os pais, as famílias, os educadores, os governantes e os cidadãos em geral? Qual é, em suma, a expectativa que o País coloca na escola?

Importa, antes de mais, clarificar o que a escola oferece, pode oferecer ou deve oferecer aos seus alunos.

## **Instrução**

A escola instrui. Desde os Gregos que o investimento na vida dos mais novos se constituiu como fundamental numa sociedade civilizada. Criaram-se escolas onde os mais novos adquiriam saberes diversos, veiculados pelos mais velhos e experientes. Saberes sobre a vida em geral, que levassem os alunos a perceber, o melhor possível, o Homem e o Universo. Mas também, e sobretudo, onde aprendiam a pensar, a reflectir sobre eles próprios e o mundo que os rodeava, de modo a que lhes fizesse um sentido, e a posicioná-los perante a vida, os outros e a Natureza, de forma consciente e autónoma.

Uma espécie de aprendizagem consciente, que talvez tenha sido o que levou um dia Galileu a defender o seguinte: *“Não podes ensinar nada a um homem; podes apenas ajudá-lo a encontrar a resposta dentro dele mesmo.”* Princípio que o grande psicólogo Carl Rogers viria a subscrever, no século vinte, e a aplicar à sua filosofia psicoterapêutica.

Daí que a instrução veiculada, estimulada e permitida pela instituição *escola*, no sentido da aprendizagem consciente, apesar das mudanças civilizacionais ocorridas desde então, continue a constituir a razão de ser da mesma.

É verdade que mudou o paradigma escolar. O ensino massificou-se, despersonalizou-se, tornou-se mais confuso e menos pessoal, e dá hoje menos espaço ao indivíduo e ao acompanhamento pessoal do aluno. Veja-se que as escolas com melhores resultados obtidos em Portugal utilizam um acompanhamento personalizado aos alunos, um pouco à maneira inglesa.

Hoje há poucos mestres e muitos professores. Há poucos discípulos e muitos alunos. O que é pena, pois, como dizia Henry B. Adams: *“Um professor influi para a eternidade; nunca se pode dizer até onde vai a sua influência.”*

Dir-me-ão que hoje, paralelamente, também há muitas outras fontes de conhecimento. Aquilo que antes se recebia, quase exclusivamente pela tradição oral, estará agora disponível em imensos suportes de informação como em nenhum outro momento da História. É verdade.

Através da internet aprende-se hoje a fazer um nó de gravata, mas também a fabricar uma bomba. Ouve-se uma música, mas também propaganda racista, nazi ou terrorista. Visita-se um museu de arte barroca, mas também toda a espécie de pornografia e aberrações sexuais. Lê-se um clássico, mas também se é inundado por correio electrónico que não desejamos.

Só que, mesmo filtrando o que realmente interessa, subsiste um problema de fundo. Instrução é muito mais do que acumulação de conhecimentos.

Onde está o “aprender a aprender”?

Onde está o “aprender a pensar”?

Onde está o treino do olhar, da sensibilidade, do raciocínio sobre a vida, as pessoas e as coisas que nos rodeiam?

Devido ao sistema de ensino estabelecido, cada vez mais economicista, os professores estão centrados em cumprir as regras do jogo da estrutura educacional, impostas de cima para baixo, e ficam preocupados em cumprir objectivos curriculares e programas de conteúdos, não dispendo de tempo nem condições objectivas para fazer mais do que isso. Einstein (ele que fora um mau aluno enquanto adolescente) defendia mais tarde um ensino

centrado nos valores: *”É fundamental que o estudante adquira uma compreensão e uma percepção nítida dos valores. Tem de aprender a ter um sentido bem definido do belo e do moralmente bom.”*

Mas os professores, por força das circunstâncias, tornaram-se, mais do que nunca, máquinas do sistema, significativamente despersonalizados, a quem até parece que nem sequer é permitida a possibilidade de adoecer, por aquilo que se tem visto ultimamente...

Ora, sem mestres não há discípulos. Já Aristóteles esclarecia que o importante não é ensinar mas sim levar a aprender: *“Ensinar não é uma função vital, porque não tem o fim em si mesmo; a função vital é aprender.”* E aprender é em si mesmo um valor incontornável do homem racional.

## **Educação**

A escola educa. As definições etimológicas de “educação” variam entre um processo com vista ao desenvolvimento harmonioso do ser humano, nos seus aspectos intelectual, moral e físico, assim como a sua inserção social, e sem esquecer as questões da polidez e da cortesia.

De qualquer forma, os resultados de um investimento em educação demoram tempo a ver-se. Daí que os antigos chineses dissessem: *“Se os teus projectos forem para um ano, semeia o grão. Se forem para dez anos, planta uma árvore. Se forem para cem anos, educa o povo.”*

Mas não podemos ignorar a vertente política da escola.

A escola republicana procurou formar cidadãos, autónomos da tutela religiosa, com consciência cívica, na linha da tradição da Revolução Francesa, quase com a ideia fixa de que a solução de todos os males do país, ou pelo menos do seu futuro, seria encontrada numa educação laica, por geração espontânea e como que por encanto. Talvez por influência do optimismo de Pitágoras, que defendia: *“Educai as crianças e não será preciso castigar os homens.”*

Mais tarde o Estado Novo usou a escola para criar cidadãos passivos, obedientes e veneradores da trilogia Deus-Pátria-Autoridade, ao promover, através dela, a apologia da modéstia (leia-se “pobreza”), do civismo (leia-se “obediência”), e do bem da nação (leia-se “da estabilidade do regime salazarista”).

Logo depois de 25 de Abril de 1974 a escola apostou-se em educar os cidadãos para a Democracia. Foram os tempos da chamada “dinamização cultural”, que passava por acções de alfabetização em massa e formação política, em nome de um processo revolucionário então em curso.

E daí para cá tornou-se o laboratório pedagógico permanente de que as novas gerações têm vindo a ser vítimas inocentes.

Hoje, a ideia que dá é que a escola serve para tomar conta dos miúdos até terem idade para se fazer à vida e irem trabalhar. Quanto muito, destina-se também a prepará-los para a vida activa, a partir de certo ponto do seu percurso escolar. A nosso ver, ambas as preocupações têm cabimento, esta mais do que aquela, mas passam ao lado do essencial.

Por um lado estamos a fazer da escola uma espécie de creche para meninos mais crescidos, e por isso muitas vezes as reacções negativas de quem percebe o que se está a passar, tanto de alunos como de educadores. E por outro lado estamos a fazer da escola uma espécie de fábrica de profissionais, o que sem dúvida faz falta ao país, mas não chega. Onde está então o processo de formação de cidadãos que aprendam a reflectir por si mesmos, a sua pessoa e o seu mundo?

Mesmo no âmbito da formação de profissionais aponto um simples exemplo de como até nesta matéria as coisas falham redondamente. O caso do acesso aos cursos das escolas médicas. Não são os melhores médicos em potencial que a elas têm acesso, mas sim os alunos que demonstram melhor capacidade de memorização. Só que a Medicina não é uma ciência exacta, e comporta um factor essencial de carácter humanístico e não técnico-científico: a relação médico-doente, que tantas vezes sai defraudada depois, aquando do exercício de efectiva prática profissional, por muito que os códigos deontológicos e os juramentos de Hipócrates vão noutro sentido.

O senso comum diz que a escola proporciona *educação* aos seus alunos. Mas será mesmo assim? É à escola que compete educar os filhos das famílias portuguesas? Ou será às próprias famílias?

A Família tem um papel um pouco mais exigente do que entregar à escola a responsabilidade de educar os seus filhos. Na verdade, família e escola terão que ser parceiros no projecto de instrução-educação-formação das crianças. Trata-se de uma responsabilidade partilhada. Todavia, em matéria de transmissão de valores e filosofia de vida, em matéria de fé e cosmovisão, ninguém pode cumprir melhor esse papel do que a estrutura familiar, à partida, desde que seja funcional.

O grande pedagogo Paulo Freire põe o dedo na ferida ao dizer que: *“Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada.”*

Ou seja, a escola também não pode esquecer nunca que é parceira (e não elemento exclusivo) no processo educativo das crianças.

O problema surge quando a escola veicula valores diferentes, quando não opostos, aos da família, mas esta é uma reflexão que não cabe desenvolver aqui.

### **Conclusão**

A mera apreensão de conteúdos descontextualizados da vida quotidiana, das vivências e dos sentimentos torna-se seca, desinteressante ou incompreensível. Além do mais não é estruturante nem relevante no processo de construção do indivíduo.

Antes de vir a ser um médico, advogado, motorista ou operário, o indivíduo será uma pessoa, em relação com os outros, e inserido num contexto humano e psico-social determinado. Importa, portanto, que se considere e se perceba a si e aos outros.

Nesse sentido, o que é fundamental é ajudar os alunos a saber pensar, para desenvolverem o hábito de aprender, de modo a perceberem-se a si mesmos, perceber os outros e o mundo, de forma que lhes faça um sentido. Só assim se poderão vir a integrar pacificamente na sociedade e a conviver harmoniosamente com os outros, prestando-lhes o contributo que se deseja e espera.

Termino com um poema delicioso, de autor desconhecido, e que sintetiza brilhantemente esta ideia:

*“Um dia, numa aula, a nossa professora  
Ensinou-nos que o vento é simples massa de ar.  
E eu acreditei, se a professora o diz...  
Mas não compreendi.  
E pus-me a cogitar...  
De volta para a aldeia, onde ninguém estudou  
Resolvi perguntar.  
E disse o Zé Moleiro: - O vento é pó de trigo.  
São velas a rodar, o vento é um amigo.  
O Luís pescador gritou, sem se conter:  
- O vento faz ondas e fez meu pai morrer!  
O vento é assassino, o vento faz doer.  
- Nem sempre – lembrei eu. – Levanta os papagaios.  
- E fá-los ser estrelas num céu azul de sol.  
E gemeu a velhinha, num canto do portal:  
- O vento é dor nos ossos...  
- É roupa no varal sequinha num instante.  
Afirmou minha mãe  
Correndo atarefada entre casa e quintal.  
Mas logo replicou um velho jardineiro:  
- O vento, meus amigos, destrui-me as roseiras,  
E faz cair as flores das minhas trepadeiras.  
O vento é muito mau.  
O poeta sorriu:  
O vento é beleza, as searas são mar  
Se o vento as faz mover, no campo a ondular.*

*Então sentei-me à mesa e estudei a lição.  
Já sei o que é o vento.  
É dor. É medo. É pão.  
É beleza e canção.  
É a morte no mar.  
E por trás disso tudo.  
É uma massa de ar...*

•